

## APRESENTAÇÃO

A elaboração deste Dossiê causou-me muita alegria por tratar de um assunto contemporâneo e controverso, seja no âmbito educacional ou da produção científica. É interessante como as discussões sobre tecnologias na sala de aula causam inquietações – provavelmente devido a um componente importante: trata-se de um movimento histórico inacabado, cujas consequências pouco ou nada podemos saber – o que coloca pais, professores e pesquisadores em terreno instável sobre qual posicionamento tomar frente ao desenvolvimento tecnológico contemporâneo e suas implicações nas aprendizagens de seus alunos, além, é claro, das estratégias pedagógicas dos professores que acabam por entrar em um espiral contínuo de transitoriedade, pois, antes mesmo de se apreender uma nova tecnologia, outra a substitui e reinicia o processo de aprendizagem e apropriação. É difícil falar de um processo educativo formal que prescindia de qualquer tecnologia, seja o lápis, a carteira ou até mesmo a organização dos tempos e espaços. Entretanto, até o advento da microinformática, as mudanças, principalmente sociais e culturais, eram mais lentas – o que mantinha a escola como espaço da tradição na formação da sociedade.

A microinformática veio acelerar nossa sensação de tempo e criou uma aparência de efemeridade do ter e também do ser – incorremos em uma obsolescência daqueles sujeitos que não se inscrevem nessa dinâmica de atualização contínua.

E o que fez a escola? Exatamente por ser um espaço da tradição de formação das novas gerações, viu um futuro nada animador de concorrência com diversas mídias divulgadoras de informação e conhecimento: a escola, aparentemente, deixou de ser o espaço privilegiado da aprendizagem. Ela concorre com os programas dos canais pagos, com a Wikipédia, os milhões de blogs direcionados a assuntos específicos e com as redes sociais como *Twitter* e *Facebook*.

Observamos uma defesa muito intensa da escola, louvável, diga-se de passagem, mas que costuma incorrer em alguns erros estratégicos e pedagógicos. O primeiro deles diz respeito à resistência “ingênua” às tecnologias digitais. Não basta mais proibir a entrada das tecnologias quando temos a existência de objetos quase invisíveis aos olhos dos docentes. Acredito que, no momento da leitura desta apresentação, milhares de jovens estejam ouvindo música, o noticiário ou o final da novela por fones de ouvido sem fio e imperceptíveis aos olhares de controle do professor. Outros devem navegar pela web em *smartphones* finíssimos, que se confundem com uma imagem do livro didático e a maioria deve estar produzindo conteúdos para redes sociais. O cenário descrito gera um grande desconforto, pois a perda do controle do professor sobre seus alunos não é mais possível, mas perceptível em suas ações cotidianas.

O segundo erro incorre na Academia ao delimitar quais os tipos de pesquisas sobre educação e tecnologias devem ser aceitas pelos seus pares. Há uma grande tendência na aceitação de pesquisas que dizem respeito à incorporação de tecnologias na sala de aula, entretanto, são ainda incipientes as iniciativas que discutam os hábitos, os consumos e apropriações das tecnologias digitais pelas novas e velhas gerações e quais as modificações oriundas destes usos, de maneira a compreender onde é que a escola está errando. Há muito sabemos que não basta introduzir uma nova tecnologia na sala de aula para que ela seja transformada, é preciso compreender se as estratégias pedagógicas clássicas são compatíveis com as novas tecnologias e, ao mesmo tempo, considerar os aspectos lingüísticos e cognitivos destas tecnologias, sem perder de vista a tradição secular da escola.

Esta é a perspectiva na qual são apresentados os artigos deste Dossiê. Há uma delimitação clara sobre as temáticas abordadas. Os quatro primeiros artigos tratam da educação e da tecnologia no âmbito da escola e da formação de professores. Já os três últimos procuram abordar

os espaços de aprendizagem “paralelos” a escola. De maneira geral, os artigos procuram fugir de uma perspectiva dicotômica educação x tecnologia e buscam criar interlocuções que resultem no diálogo e na integração dos usos e apropriações das tecnologias numa perspectiva histórica que valorize as características que lhe são próprias e, ao mesmo tempo, reconheça a tradição e a história da escola formal.

O artigo que abre o Dossiê é da profa. Lúcia Amante, da Universidade Aberta de Portugal, com o título “Tecnologias digitais, escola e aprendizagem”, e procura apresentar uma breve retrospectiva sobre o encontro entre as tecnologias digitais e a aprendizagem, a partir dos meados do século XX até o presente, estabelecendo relação entre as diferentes perspectivas de utilização destas tecnologias e as concepções sobre ensinar e aprender que lhe estão subjacentes. Abordam-se, depois, as perspectivas construtivistas sobre a utilização das tecnologias digitais nos contextos de aprendizagem e as suas implicações no papel do professor, no papel do aluno, na relação entre estes, e consequente reflexo no cenário pedagógico e nos processos educativos que aí se desenvolvem.

O artigo de Roberto Valdés Puentes e Durcelina Ereni Pimenta Arruda, intitulado “A docência no ensino superior: a formação de professores para atuar com tecnologias na educação presencial e a distância”, vem discutir os elementos que constituem e direcionam a formação do professor na atualidade para atuar na educação superior, tanto presencial, quanto a distância (EaD). Os autores chamam a atenção para a importância desta discussão devido à ampliação do número de vagas para o ensino superior e também pela primazia que se faz presente das tecnologias baseadas na microinformática nas estratégias de aprendizagem do aluno. Os autores defendem que as mudanças na formação do professor universitário implicam em novas competências para organizar e ministrar suas aulas, no sentido de um reconhecimento das tecnologias digitais como elementos de construção do saber acadêmico e também como objetos que modificam os aspectos cognitivos da aprendizagem envolvidos no processo educativo.

O artigo intitulado “Desafios da construção da identidade docente em EAD: analisando os fundamentos do curso de formação”, de autoria de Valéria Sperduti Lima, Cleide de Lourdes da Silva Araujo e Josiane Dal-Forno, apresenta uma análise sobre a trajetória do Curso de Formação Docente para a Modalidade a Distância da Universidade Federal de São Carlos com o intuito de compreender os fundamentos necessários à construção da identidade docente em EaD, a fim de que ele possa desenvolver as suas atribuições profissionais nesta modalidade de educação. As autoras evidenciam a importância de se oferecer maiores subsídios para a construção de um suporte pedagógico ao professor embasado na sua reflexão sobre o ato de educar a distância, considerando a necessidade de re-visitare a sua identidade docente sob os princípios de um trabalho colaborativo e desenvolvido com a associação de novas competências técnicas, pedagógicas e comunicativas.

A seguir, temos o artigo “Letramento digital e professores: imergindo no universo dos games”, de Lynn Alves e Tatiana Paz, que busca socializar a pesquisa realizada com professores da rede municipal de ensino de Salvador, que atuam no Núcleo de Tecnologia Educacional, que imergiram e interagiram no âmbito semiótico do jogo digital Búzios: ecos da liberdade. A questão norteadora dessa pesquisa investigou como esses professores se relacionam com o referido jogo enquanto um ambiente semiótico. Tomando como aporte metodológico a pesquisa qualitativa, as autoras observaram aspectos do letramento digital durante a interação dos sujeitos com o jogo Búzios, identificando nos seus discursos entraves e possibilidades relativas ao letramento digital destes sujeitos, aproximando-os do universo dos games que cada vez mais os seduzem e atraem.

Na segunda seção do Dossiê, marcada pelas temáticas que introduzem as questões relacionadas à juventude e às transformações necessárias à escola em uma sociedade marcada pela tecnologia digital, temos o artigo de Eucídio Pimenta Arruda, “O papel dos videogames na aprendizagem de conceitos e analogias históricas pelos jovens”. Este artigo investiga as possibilidades de aprendizagem de raciocínios e/ou ideias históricas construídas por sujeitos/jogadores de um jogo digital com temática histórica. E para essa finalidade é analisado o jogo *Age of Empires III* e os jogadores, jovens com idade entre 14 a 18 anos. O autor procura discutir as operações de raciocínio

histórico utilizadas pelos jogadores pesquisados, sobretudo aquelas relacionadas à compreensão dos conceitos históricos e da imaginação na aprendizagem histórica. Por fim, um objetivo indireto do artigo é oferecer subsídios teóricos e empíricos à professores de História para que eles compreendam os impactos dos videogames na juventude contemporânea e, a partir daí, desenvolvam estratégias de ensino e de aprendizagem histórica escolar.

O artigo “Currículo do Orkut: escrita de si na subjetivação juvenil”, de autoria de Shirlei Rezende Sales e Marlucy Alves Paraíso, desenvolve o argumento de que no Orkut são acionadas diversificadas estratégias e técnicas para a produção do eu, a fim de regular e conduzir a conduta juvenil. Isso se dá por meio dos exercícios sobre si ativados nos procedimentos de preenchimento dos perfis, na exibição do Avatar, na divulgação de fotos e vídeos, na criação, participação e adição de comunidades, etc. Nesse processo, destaca-se a tecnologia da “escrita de si” – nos termos de Michel Foucault – com todo um investimento para que cada orkuteira/o ocupe-se de si e produza um eu que é também exposto à permanente avaliação e julgamento dos pares. Toda uma série de mecanismos para falar de si são acionados. As autoras defendem que as práticas discursivas vividas pela juventude orkuteira levam-na a um intenso exercício de autorreflexão e de autoanálise no processo de anotação de si. Em meio a adesões, contestações e escapes há uma multiplicidade de possibilidades de subjetivação da juventude.

Por fim, encerramos este Dossiê com uma grande contribuição de Raquel Goulart Barreto e Bruna Sola Santos, “Novas tecnologias, sociedade, educação: obsolescências anunciadas?”, no qual apresenta uma tentativa de aproximação da obsolescência planejada das tecnologias da informação e da comunicação (TIC), especialmente no que diz respeito à sua recontextualização educacional. Com base em imagens veiculadas na internet, aborda questões relacionadas ao tema nos contextos social e escolar, considerando os modos pelos quais elas têm sido incorporadas às representações do trabalho docente. As autoras tecem considerações importantes sobre o papel do robô e do professor na sociedade contemporânea e fecham seu trabalho com questões que nos levam a intensas reflexões: Corremos o risco de sermos substituídos por cópias imperfeitas de nós mesmos? Seria este o anúncio de nossa própria obsolescência?

Acredito que conseguimos alcançar os desafios apresentados na proposta de Dossiê e fico muito honrado em escrever esta apresentação e tecer considerações acerca de sólidas contribuições teórico-empíricas para esta área do conhecimento que se apresenta em um aparente contínuo “vir a ser”.

*Eucídio Pimenta Arruda*  
Programa de Pós-Graduação em Educação  
Universidade Federal de Uberlândia